

Políticos e imigrantes: os primeiros anos da imprensa em Vilhena-Rondônia (1975-1995)

Colferai, Sandro Adalberto; Nicolielo, Nicola

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Colferai, S. A., & Nicolielo, N. (2016). Políticos e imigrantes: os primeiros anos da imprensa em Vilhena-Rondônia (1975-1995). *Revista Observatório*, 2(5), 57-92. <https://doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n5p57>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

**POLÍTICOS E IMIGRANTES:
os primeiros anos da
imprensa em Vilhena-
Rondônia (1975-1950)**

POLITICAL AND IMMIGRANTS:
the first years of Press in Vilhena-
Rondônia (1975-1995)

POLITICOS Y INMIGRANTES: los
primeros años de la prensa en
Vilhena-Rondônia (1975-1995)

Sandro Colferai¹

Nicola Nicolielo^{2, 3}

RESUMO

Este artigo aborda as primeiras duas décadas da imprensa na cidade de Vilhena, Rondônia, entre meados da década de 1970 e meados da década de 1990. Este período coincide com a formação da cidade durante o período de intensa imigração para a Região Norte do Brasil, no contexto da política de ocupação promovida pelos governos militares. São estes imigrantes que vão instalar os primeiros jornais, inicialmente motivados pelo interesse em apresentar veículos de comunicação para a nascente sociedade. Após este breve primeiro período os jornais tornam-se arrimos de diferentes projetos políticos, quase sempre conflitantes, o que motiva o surgimento de diferentes publicações. É neste

¹ Doutor em Sociedade e Cultura (UFAM), mestre em Comunicação Social (PUCRS) e licenciado em Letras (UNIR); professor de Jornalismo, campus de Vilhena da Universidade Federal de Rondônia (Unir-Vilhena). E-mail: sandrocolferai@gmail.com.

² Ex-aluno de Comunicação Social/Jornalismo (Unir-Vilhena); bacharel em Ciências Contábeis (Unir-Vilhena); especialista em Jornalismo e Mídia (Uniron); jornalista provisionado (*in memoriam*).

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Campus de Vilhena. Rua Marques Henrique S/N DEJOR, Setor de Chácara, 78995-000 – Vilhena (RO), Brasil.

contexto, que procuramos resgatar no artigo, que jornais circulam durante o período abordado. Para isso nos valemos principalmente de fontes orais e apresentamos reproduções de algumas das publicações citadas.

PALAVRAS-CHAVE: História; imprensa; colonização; Rondônia; Vilhena.

ABSTRACT

This article addresses the first two decades of the press in the city of Vilhena, Rondônia, between the mid-1970s and the mid-1990s. This period coincides with the formation of the city during the period of intense immigration to the Northern Region of Brazil, in the context of the occupation policy promoted by the military governments. It is these immigrants who are going to install the first newspapers, initially motivated by the interest in presenting communication vehicles to the nascent society. After this brief first period, the newspapers become the support of different political projects, almost always conflicting, which motivates the appearance of different publications. It is in this context, that we try to rescue in the article, that newspapers circulate during the period covered. For this we rely mainly on oral sources and present reproductions of some of the publications cited.

KEYWORDS: History; press; colonization; Rondônia; Vilhena.

RESUMEN

Este artículo analiza las dos primeras décadas de la prensa en la ciudad de Vilhena, Rondônia, entre mediados de la década de 1970 y mediados de la década de 1990. Este período coincide con la formación de la ciudad durante el tiempo de intensa inmigración en el norte de Brasil, en el contexto de la política de ocupación promovido por los gobiernos militares. Estos son los inmigrantes que van a instalar los primeros periódicos, motivados inicialmente por el interés en la presentación de los medios de comunicación a la sociedad naciente. Después de este primer tiempo los periódicos se convierten en el sostén de distinguidos proyectos políticos, a menudo contradictorios, lo que motiva la aparición de distinguidas publicaciones. En esta condición, buscamos rescate en

el artículo, que los periódicos circulan durante el tiempo cubierto. Para ello nos basamos principalmente en fuentes orales y reproducciones actuales de algunos de los periódicos citados.

PALABRAS CLAVE: La historia; prensa; la colonización; Rondônia; Vilhena.

Recebido em: 10.11.2016. Aceito em: 12.12.2016. Publicado em: 25.12.2016.

Começos⁴

A história da imprensa em Rondônia, assim como acontece com a história da Rondônia, pode ser dividida períodos claramente distintos, ainda que complementares, que juntos apresentam o processo de constituição do Estado e do cenário contemporâneo do jornalismo. O primeiro destes períodos se confunde com o primeiro ciclo da borracha, a partir dos últimos anos do século XIX e avançando pelas primeiras décadas do século XX. Em outro lugar tratou-se deste primeiro período, entre os anos de 1890 e 1925 (COLFERAI, no prelo). Após a derrocada definitiva da econômica baseada na exploração do látex inicia-se um novo ciclo em Rondônia, o da exploração mineral – rapidamente encerrado por força de lei do governo federal. O então Território Federal do Guaporé, depois Rondônia, sobrevive como unidade da federal basicamente em função de sua localização estratégica na fronteira oeste do país (SOUZA, 2011).

Um novo ciclo inicia-se na década de 1970 com a colonização dirigida da Amazônia promovida pelos governos militares. No rastro da colonização surge um grande número de jornais impressos, a maior parte de vida curta, espalhados pelos núcleos urbanos, implantados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Incra, responsável por efetivar a distribuição de terras para imigrantes, e nas vilas, depois cidades (BECKER, 1991; COLFERAI, 2009). É neste contexto que se insere o que abordamos neste artigo. Trata-se da

⁴ Este artigo foi organizado a partir da pesquisa realizada por Nicolau de Jesus Juliano Nicolielo, o Nicola Nicolielo, como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social/Jornalismo que tinha como tema a história da imprensa na cidade de Vilhena, Rondônia. A maior parte das informações aqui presentes foram obtidas através das entrevistas concedidas por informantes diretamente a Nicolielo, morto em um acidente em 2007 antes de concluir o trabalho, que as transcreveu. Após sua morte este material ficou sob guarda de Sandro Colferai, seu amigo.

recuperação de elementos históricos da imprensa na cidade de Vilhena⁵, especificamente durante o período de duas décadas, entre 1975 e 1995.

A intersecção entre o processo migratório, responsável pelo surgimento da maior parte das cidades de Rondônia e a fixação de uma população migrante, majoritariamente das regiões Sul e Sudeste do país, e o surgimento de veículos de comunicação social é evidente. Ainda assim não tem sido tema alvo de atenção na pesquisa acadêmica, de modo que as indicações aqui apresentadas, ainda que sejam iniciais, é uma tentativa de principiar o rompimento deste silêncio, uma vez que entendemos que o processo histórico identificado na cidade de Vilhena pode ser estendido para toda a região ao sul da Amazônia brasileira onde se levou a efeito a colonização agrícola promovida pelo Estado brasileiro ao longo da segunda metade do século XX.

A afirmação acima é possível a partir da percepção de que o modo de vida migra junto com o sujeito, fazendo assim surgir, rapidamente nas regiões ocupadas, disputas pelo poder político, especialmente em um momento em que a conjuntura nacional apontava para a abertura política do regime militar. É assim que o cenário de comunicação social nas regiões da fronteira de colonização agrícola da Amazônia neste período em pouco difere do cenário descrito por Sodré sobre o Brasil do século XIX. Trata-se de

Jornais de vida efêmera, como regra, refletindo o interesse transitório de alguma autoridade, de algum intelectual, de algum grupo. A imprensa se desenvolve em estreita ligação com a atividade política; aparece antes e cresce mais depressa nos centros em que aquela atividade é mais intensa; demora e cresce lentamente nos outros, nas províncias que se mantêm politicamente atrasadas. (SODRÉ, 2011, p. 166)

⁵ A cidade de Vilhena está localizada no sul do Estado de Rondônia, a 680 quilômetros da capital, Porto Velho, já na divisa com o Estado de Mato Grosso. Como povoado a cidade surge na década de 1910 quando da instalação de uma estação telegráfica pela Comissão Rondon. O município é instalado em 1977, logo depois da intensificação da imigração de colonos do centro-sul do país para a Amazônia.

Os apontamentos que fazemos aqui, a partir de depoimentos de jornalistas e colaboradores dos jornais que circularam nas duas primeiras décadas após o surgimento da cidade de Vilhena, indicam que se trata de uma dinâmica muito próxima da apontada por Sodré (2011). Neste contexto é ainda possível a percepção da permanência de alguns nomes, que podem ser apontados como figuras centrais deste primeiro momento da presença da imprensa em Vilhena e, como é possível indicar, no interior de Rondônia.

No Recanto dos Tangarás

As primeiras famílias de imigrantes aportaram em Vilhena nos primeiros anos da década de 1970 e o fato de serem oriundas, na sua maior parte, de Estados da região Sul (SOUZA, 2001; COLFERAI, 2009), acabou por facilitar e tornou relativamente rápida a identificação entre elas. Em comum, além do local de origem, havia as dificuldades cotidianas na frente de colonização. Estes dois fatores levavam a reuniões semanais entre as famílias, momentos em que se estabeleciam interações e rememoravam-se os locais e práticas de origem. Um destes lugares ficava em uma chácara à margem de um rio nos arredores de Vilhena. Este local, como rememora Terezinha Wobeto, foi batizado de *Recanto dos Tangarás*.

Nós chegamos no ano anterior [1974], eu meu marido e meus filhos e em seguida já começamos um grupinho, fizemos um grupo de chimarrão [...]. Todo final de semana nós íamos para o Recanto dos Tangarás. [...] Quem sabia tocar um instrumento ia para lá, quem sabia recitar uma poesia ia para lá, quem sabia cantar ia para lá e quem não sabia recitar, tocar, nem cantar, ia para lá também. No Recanto dos Tangarás nós passávamos o final de semana todinho. (WOBETO, 2006)

As reuniões frequentes, o hábito da roda de conversa e o crescimento do grupo foram alguns dos fatos que motivaram o surgimento, em 1975, de uma folha informativa, o *Jornal da Morcegada*. “O principal objetivo do jornal era a união dos amigos, o entretenimento. Uma maneira de espantar a saudade e as enormes dificuldades que se apresentavam numa região nova, sem água encanada, sem luz e com muita poeira” (WOBETO, 2006). Tratava-se de uma folha mimeografada distribuída entre os frequentadores do Recanto dos Tangarás, mas que acabava, por eles, tendo uma circulação mais ampla, alcançando a maior parte das pessoas da pequena cidade: “O jornal não era propriamente para a cidade. Era distribuído aos amigos que se reuniam no Recanto dos Tangarás, mas a cidade era tão pequena que o jornal acabava chegando às mãos de quase todo mundo” (WOBETO, 2006).

Teresinha Wobeto lembra que hábito de leitura era comum entre os imigrantes, o que acabou por ser uma das motivações para que ela começasse a escrever sobre o que acontecia nos encontros semanais do grupo de amigos e, depois, passasse a abordar temas mais amplos.

O jornal durou até 1980 e seu propósito era informar as pessoas. Não tinha uma editoria específica. Era apenas uma forma de diversão. Eu escrevia o que os frequentadores do recanto queriam ler. Fofocas, histórias engraçadas. O jornal também noticiava assuntos de interesse da coletividade. Esses assuntos se restringiam ao bem estar da coletividade, como por exemplo, a situação da BR-364, sobre as dificuldades de comunicação com o resto do país. Por essa época [1975] acho que a cidade não tinha mais que mil habitantes. (WOBETO 2006)

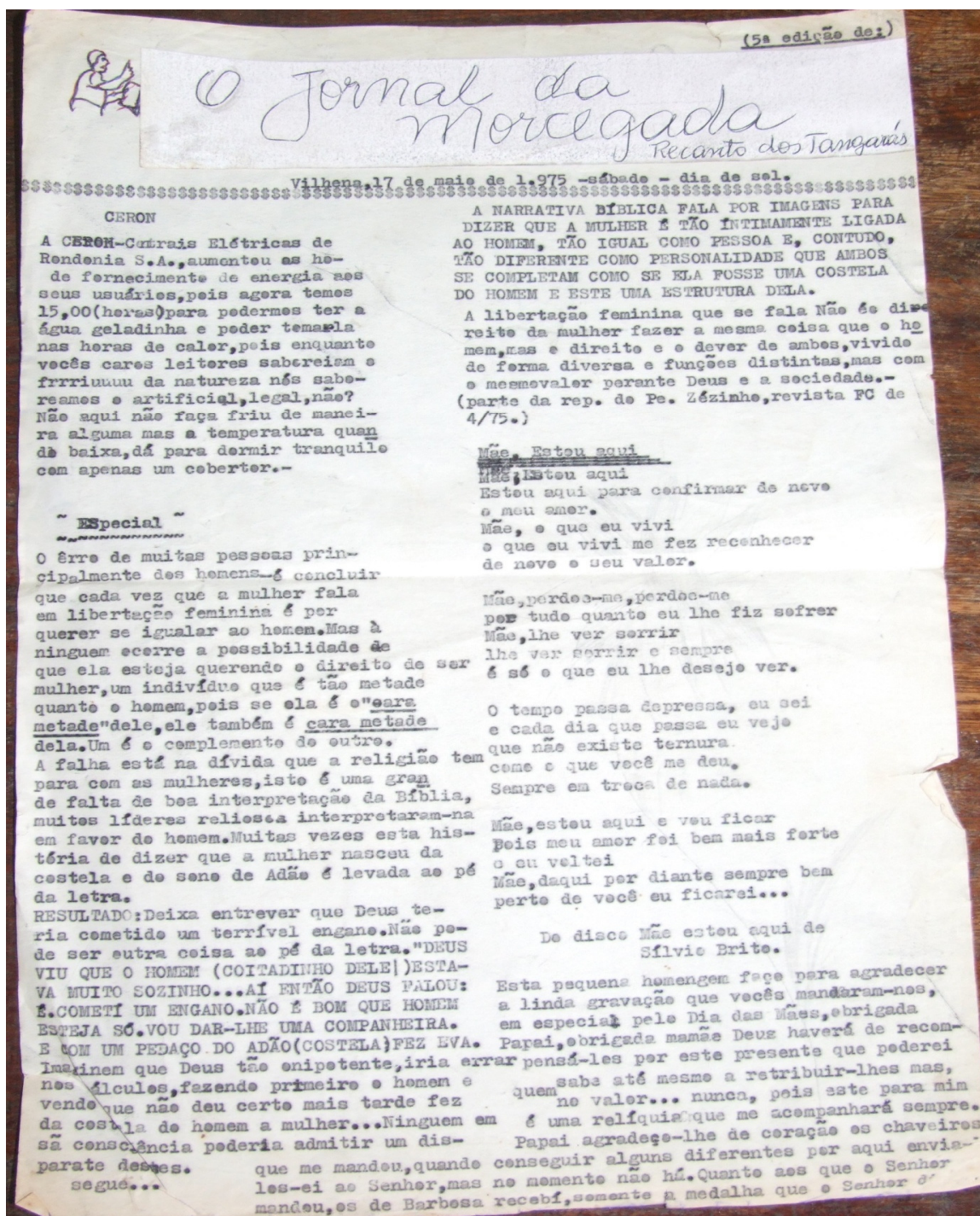


IMAGEM 1 - JORNAL DA MORCEGADA
Reprodução: Nicola Nicolielo

Com circulação restrita, no princípio a um grupo de amigos, durante seus cinco anos de existência o Jornal da Morcegada não manteve periodicidade, ainda que Wobeto afirme que na maior parte deste tempo havia novas edições todas as semanas. Ainda assim, ao longo da segunda metade da década de 1970 se constituiu no único veículo de comunicação social de Vilhena, o que o fez, inclusive, alvo de preocupação por parte das autoridades locais. Em um episódio, já no final da década de 1970, durante a pavimentação da BR-364 – rodovia que atravessa todo o Estado de Rondônia e passa pela área central de Vilhena – um texto apontava os transtornos causados pela grande quantidade de poeira causada pelas obras na rodovia. Este texto foi reproduzido pelo jornal *Tribuna de Porto Velho*, e causou reação das autoridades estaduais e de técnicos responsáveis pela pavimentação da rodovia, como lembra Wobeto (2006).

O Jornal da Morcegada circulou até 1980. Sobreviveu enquanto era o único veículo a circular em Vilhena. Em 1979 e em 1980 surgiam dois periódicos, estes já com maior e melhor estrutura, impressos em gráficas e melhor organizados.

Entre imigrantes, os precursores

Assim como o Jornal da Morcegada, os jornais que surgem no princípio da década de 1980 em Vilhena são iniciativas de imigrantes que pouco ou nenhum contato haviam tido com o jornalismo em suas regiões de origem. Na maior parte dos casos é em situação semelhante que surgem periódicos nas diferentes cidades do interior de Rondônia fundadas no contexto da colonização agrícola nas décadas de 1970 e 1980.

Em 1979 passa a circular em Vilhena o *Impacto* e, no ano seguinte, surge *O Ronda*, os dois primeiros jornais impressos em gráficas e com alguma

estrutura particularmente voltada para a circulação de periódicos. Ambos tiveram existência curta, mas, ao menos no caso de O Ronda, significaram a base para a organização de outros periódicos e o início de um dos períodos mais marcantes da imprensa na cidade de Vilhena.

O Impacto surgiu por iniciativa de Valdir Bier e Ivan Martinovski, o primeiro, um professor que chegou a Vilhena em meados da década de 1970 e responsável pela redação; o segundo, também imigrante, era fotógrafo já estabelecido na cidade. O lançamento do jornal foi precedido pelo que pode ser tomado – considerando-se a época – como uma intensa campanha de divulgação: os idealizadores fixaram em muros e postes folhas impressas em que se podia ler “Vem aí o Impacto. Aguardem...”, ao lado de uma ilustração em que se via a imagem de um martelo golpeando uma superfície, o que veio a se tornar o logotipo da publicação (HOFFMANN, 2006).

O jornal era quinzenal e circulou durante dois anos, entre 1979 e 1981. Com 12 páginas em apenas uma cor, a composição era feita em chumbo e impresso em uma impressora Consani com disco de platina elétrico, mas que teve de ser adaptada para funcionar manualmente, uma vez que a falta de energia elétrica era constante na Vilhena do final dos anos 1970 (BORDUSCHI, 2006).

Nós trabalhávamos em três impressores, não tinha motor gerador, não tinha recursos para colocar um. A gente dava o impulso na mão e depois ficava atrás da máquina como se tivesse levantando um peso, para cima e para baixo, fazendo a máquina abrir e fechar. Cada vez que ela abria e fechava era uma folha impressa do jornal. [...] Ela abria, o tipógrafo colocava o papel, fechava, imprimia e quando abria novamente tirava o papel impresso. Tinha que ser rápido, caso contrário mordida o dedo da gente. (BORDUSCHI, 2006)⁶

⁶ Milton Borduschi, então com 16 anos, foi um dos impressores do Impacto, tendo trabalhado no jornal durante quase todo o período em que circulou.

O jornal pretendia noticiar questões locais do município de Vilhena, que então alcançava toda a porção sul do Estado de Rondônia, com uma população estimada em 50 mil pessoas. Em depoimentos, Sérgio Bier (BIER, 2006) e Milton Lourival Borduschi (BORDUSCHI, 2006) lembram que as principais temas era basicamente o fornecimento de energia elétrica e de água, as dificuldades de acesso entre a cidade e outros núcleos urbanos em função das estradas de terra e questões políticas que envolviam a nascente sociedade rondoniense – no princípio de 1981, Rondônia, então território federal, foi elevada à categoria de Estado.

Ainda que fosse um jornal pequeno no interior de Rondônia, o Impacto estava em meio a um dos mais significativos eventos do último quartel do século XX, a migração para a Amazônia, o que tornava as publicações das regiões afetadas pelo deslocamento populacional alvo de atenção do Estado brasileiro. Assim, mesmo sendo o período de abertura política o Impacto sentiu as pressões do regime militar, que tentava cercear as informações veiculadas: “Era a época da ditadura, fim dela e não se podia ir contra as decisões do governo federal” (BORDUSCHI, 2006). A presença do 5º Batalhão de Engenharia e Construção, BEC, na cidade, e a constante vigilância em Vilhena, por ser o ponto de entrada de imigrantes em Rondônia, tornava intenso o controle. Episódio exemplar, memorado por Valdir Bier em depoimento, foi uma entrevista com o advogado Jerônimo Santana em 1980 – que ainda naquela década viria a ser o primeiro governador eleito de Rondônia: “A entrevista não foi vista com bons olhos pelas lideranças que procuraram pelo meu irmão Valdir e recomendaram que alguns trechos não fossem publicados” (BIER, 2006).

O Impacto, que não tem nenhum exemplar conhecido preservado na íntegra, deixou de circular em 1981. Segundo Milton Borduschi (2006), o jornal

tinha como pretensão se financiar apenas com a venda de propagandas para o comércio de Vilhena, o que ao longo do tempo mostrou-se inviável. Maria da Glória Bier Hoffmann, responsável pelo setor comercial do jornal, lembra que, mesmo havendo uma quantidade considerável de estabelecimentos comerciais na cidade, “[...] a dificuldade também era muita porque o fluxo das pessoas não era muito grande” (HOFFMANN, 2006). Em boa parte estas dificuldades teriam surgido a partir da presença, neste período, de outros dois jornais, O Ronda e o Correio do Sul, ambos com estreita ligação com grupos políticos e que, rapidamente, polarizaram o incipiente cenário local. Entre os colaboradores do Impacto estavam Agamenon Pereira, Laurentino Bier e Teresinha Wobeto, esta, figura constante nas primeiras publicações a circularem em Vilhena.

Um jornal pra cada um

Logo depois do lançamento do Impacto, e imediatamente após o encerramento das atividades do Jornal da Morcegada, em 1980, surge *O Ronda*. No contrato social da Ronda Publicidade constam os nomes de Arlindo Carelli, José Pedro Treis e Albino Wobeto, este último, marido de Teresinha Wobeto.

O Ronda foi o seu Arlindo Carelli, o Pedro Treis, que eles tinham a Terra Norte, muita terra, então eles montaram o jornal aqui. Eles trouxeram uma linotipo e o Albino, meu marido, contador, entrou como sócio para fazer a escrita, a contabilidade da empresa jornalística. (WOBETO, 2006)

O responsável pelo planejamento do jornal e pela compra das impressoras foi o jornalista Ivanir Aguiar, outra figura central na imprensa de Vilhena ao longo da década de 1980. Em depoimento, Aguiar (2016) afirma que chegou a Porto Velho, capital de Rondônia, no final da década de 1970 a

convite do então governador biônico⁷, o coronel Jorge Teixeira de Oliveira. Em 1980, ao ser informado pelo governador que não era mais necessário na capital, recebeu convite do coronel Arnaldo Lopes Martins, que naquele mesmo ano havia sido nomeado prefeito de Vilhena, para ajudar na instalação de um jornal na cidade, O Ronda.

Com o jornal instalado, Aguiar assume outras funções na prefeitura e o principal responsável pela publicação passa a ser Nelson Oliveira, que fica à frente até os primeiros meses de 1983. É neste ano que Arlindo Carelli e Pedro Treis deixam a sociedade e a cidade: "Ele [O Ronda] foi vendido depois que o Carelli foi embora, o Pedro também foi embora e o Albino achou melhor vender o jornal. O jornalista que escrevia, o Nelson Oliveira, saiu" (WOBETO, 2006). Arnaldo Lopes Martins deixa a prefeitura de Vilhena em 1982 e dá lugar a Albino Wobeto, também prefeito nomeado, que fica no cargo até a posse do primeiro prefeito eleito em fevereiro de 1983, mesmo ano que O Ronda encerra as atividades com este nome.

⁷ Os cargos biônicos, senadores e governadores, foram instituídos durante o Regime Militar (1964-1985) no Brasil. Por este recurso não havia eleição direta para tais cargos, mas apenas a indicação e sanção pelas autoridades federais. Em Rondônia, Jorge Teixeira de Oliveira foi nomeado em 1979 e se manteve no cargo até 1985, sendo sucedido pelo mesmo Ângelo Angelin (1985-1987), que deixou o cargo para dar lugar a Jerônimo Garcia Santana, primeiro governador eleito.



IMAGEM 2 - JORNAL RONDA
Reprodução: Nicola Nicolielo

No mesmo período em que circulou O Ronda, também circulava o *Correio do Sul*, periódico instalado e mantido pelo empresário e pecuarista Vitório Abrão⁸. A motivação de Abrão, e principal tema a ser abordado nas páginas do *Correio do Sul*, era a imposição de prefeitos nomeados, indicados pelo governador biônico. O *Correio do Sul* então, como também se pode inferir sobre O Ronda, nasce com propósitos políticos.

O jornal *Correio do Sul* imprimiu sua primeira edição em 1979, teve um período de inatividade em 1983, retoma a circulação no ano seguinte por poucos meses, quando encerra as atividades em definitivo. Na sua primeira etapa fez permanentes críticas à administração do prefeito nomeado Arnaldo Lopes Martins. Neste período estava no ar, na Rede Globo de Televisão, a telenovela *O Bem Amado*, ambientada na fictícia cidade de Sucupira. Rapidamente o *Correio do Sul* passou a vincular figuras da administração municipal com personagens da novela⁹. Este movimento foi intensificado a partir da instalação do cemitério municipal em Vilhena, o que remetia às incessantes tentativas do prefeito de Sucupira, Odorico Paraguaçu – nome pelo qual, nas páginas do *Correio do Sul*, era chamado Arnaldo Lopes Martins –, de inaugurar um cemitério.

⁸ Abrão chega a Vilhena na década de 1970 no contexto da colonização agrícola do Norte do país. Se estabelece como agricultor e empresário e, a partir da abertura política do Regime Militar e diante do cenário político local, deixa o PDS, partido de apoio ao regime, e filia-se ao MDB, o partido que aglutinava opositores, passando a ser parte ativa do jogo político local em Vilhena e no então território federal de Rondônia.

⁹ Em uma das edições o *Correio do Sul* trazia a seguinte manchete: “Vilhena vira Sucupira e ganha o coronel prefeito Odorico Paraguaçu”. Assim como o prefeito, outros membros da administração passam a ser designados pelos nomes de personagens da novela: o chefe de gabinete, tenente Roberto Pires, era o *Dirceu Borboleta*; o secretário Dari de Oliveira, *Nezinho do Jegue*; e o comandante da Polícia Militar, comandante Lucena, era o *Zeca Diabo*, por exemplo (ABRÃO, 2006).



IMAGEM 3 - JORNAL CORREIO DO SUL
Reprodução: Nicola Nicolielo

Após ser eleito prefeito de Vilhena em 1983, pelo voto direto, Vitório Abrão encerra a circulação do Correio do Sul, segundo ele, por considerar cumprido o papel da publicação, que seria de “[...] acabar com o autoritarismo [...]” e, uma vez tendo conseguido ser alçado à prefeitura, “[...] não achava justo que o prefeito tivesse um jornal” (ABRÃO, 2006). Abrão lembra que foi criticado por apoiadores e afirma ter sido esta uma de suas mais equivocadas decisões (ABRÃO, 2006).

O embate político entre os grupos políticos liderados por Vitório Abrão e Arnaldo Martins torna-se o principal motivador para a instalação de periódicos em Vilhena nesse período. Ainda nos primeiros meses de 1983, O Ronda é comprado por um grupo de empresários locais, Hilário Bodanese, Javert Tabalipa, Mário Correia, Ervin Tomazoni (ABRÃO, 2006), estes parte do grupo político liderado por Arnaldo Lopes Martins. A partir de então, O Ronda passa a circular como *Folha de Vilhena*.



IMAGEM 4 – FOLHA DE VILHENA
Reprodução: Nicola Nicolielo

Rapidamente a Folha de Vilhena, dirigida pelo jornalista Gerson Pelegrino, assume o papel de porta-voz dos opositores do prefeito Vitório Abrão. Pouco mais de um ano após a posse, Abrão é cassado do cargo e faz voltar a circular, em meados de 1984, o *Correio do Sul*. No breve período em

que os dois jornais circulam ao mesmo tempo é constante a troca de acusações entre os dois grupos. Finalmente, em dezembro de 1984, cessa definitivamente a circulação do Correio do Sul¹⁰. O grupo político que controlava o Folha de Vilhena mantém o jornal por mais algum tempo até que, já em 1987, ele é vendido.

Os pernas de cobra

Os embates políticos, a efervescência da população, que em função do fluxo migratório da década de 1980 fazia chegar novas levas de famílias todas as semanas, e o fato da cidade de Vilhena ser a primeira parada e ponto de triagem de imigrantes ao chegarem em Rondônia, fizeram com que nesse período a cidade fosse alvo de atenção vinda das mais diferentes direções. Como já apontado acima, no princípio da década de 1980 o recém-criado município de Vilhena alcançava toda a porção sul de Rondônia – hoje dividida em sete municípios. Esta extensão fazia de Vilhena local de constantes embates por terras e poder político.

Além dos periódicos até aqui alvo de atenção, por terem sido certamente os mais relevantes do período, houve uma série de outras publicações das quais pouco se pôde até aqui recuperar em função da efemeridade. Numa alusão à rapidez com que surgiam e logo desapareciam, e mesmo à pouca circulação, uma vez que se tratavam de publicações que, na maior parte das vezes, procuravam atender a interesses muito específicos de grupos empresariais ou políticos, o jornalista Ivanir Aguiar, atuante em Vilhena nesse período, os

¹⁰ Em 1996, quando volta a concorrer à prefeitura de Vilhena, Vitório Abrão faz circular outro jornal, o Correio da Amazônia, que existe apenas por alguns meses, até o final da disputa eleitoral em que é derrotado.

chamou de *pernas de cobra*. "Dizem que existe, mas ninguém vê!" (AGUIAR, 2016).

Neste contexto podem ser listadas publicações como *O Regional*, *O Parecis* e o *Jornal do Oeste*, dos quais foi possível localizar, até o momento, somente recortes e indicações esparsas apontadas por informantes. A partir destes relatos, e dos fragmentos reunidos, é possível indicar que *O Regional* circulou em 1983, enquanto o *Parecis* teve edições em 1984. Já o *Jornal do Oeste* teve seguramente existência menos efêmera, já que é possível encontrar edições tanto de 1983 como de 1984.



IMAGEM 5 - JORNAL REGIONAL
Reprodução: Nicola Nicolielo

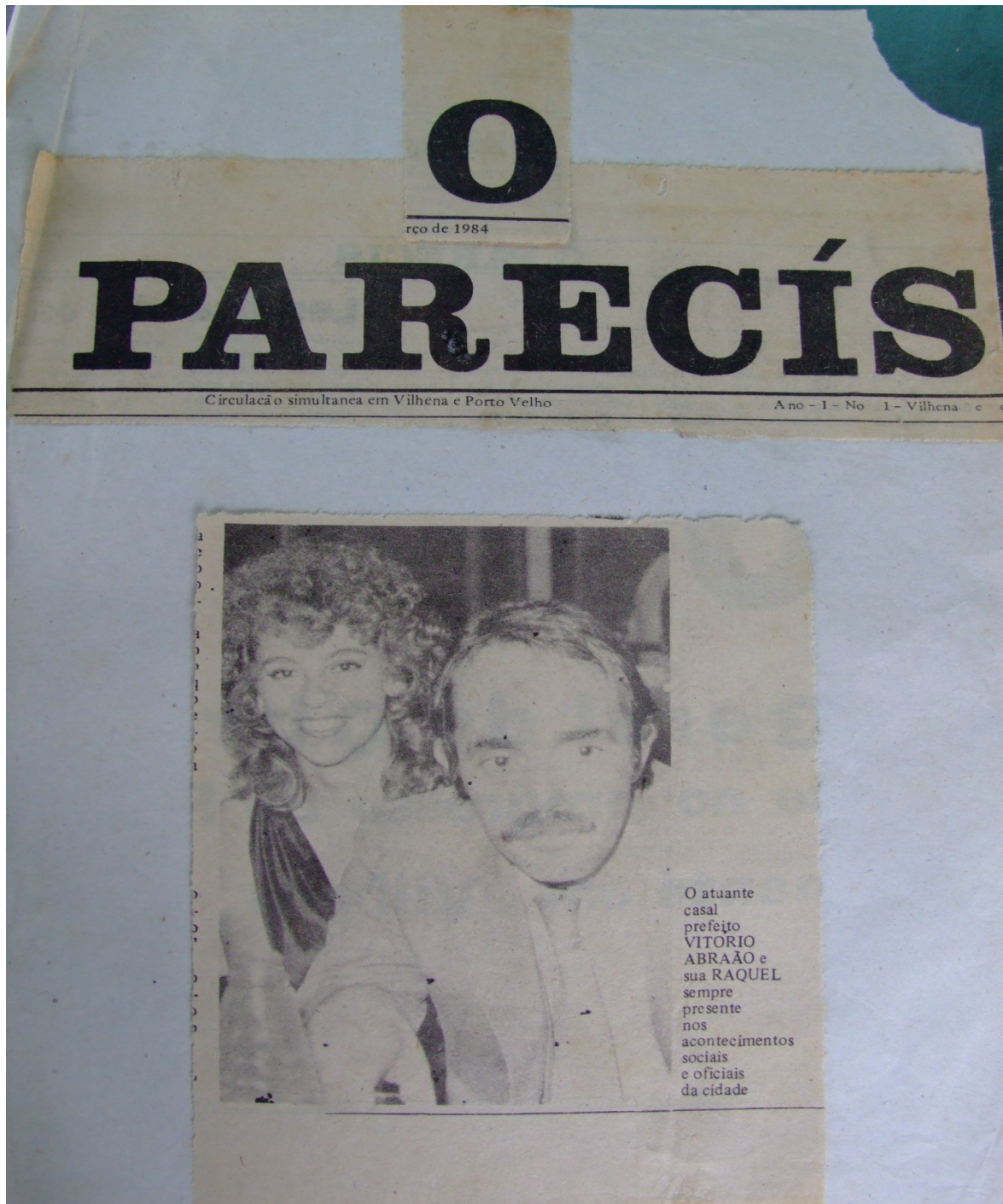


IMAGEM 6 - JORNAL PARECIS
Reprodução: Nicola Nicolielo



IMAGEM 7 - JORNAL DO OESTE
Reprodução: Nicola Nicolielo

Chama a atenção que estas publicações tenham circulado exatamente no período de grande agitação política em Vilhena, quando houve a cassação do mandato de Vitório Abrão e a volta ao poder do grupo político que tinha como referência a figura de Arnaldo Lopes Martins, nesta época deputado federal.

Imprensa de campanha

Nesta conjuntura de intensa disputa política em que as ações de partidos, candidatos e mandatários se confundiam com o surgimento e

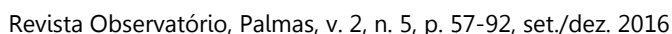
desaparecimento de publicações, mais um jornal surge: o *Gazeta de Notícias*. Novamente o responsável pela instalação deste periódico é o jornalista Ivanir Aguiar, que já havia sido o responsável pela instalação de O Ronda no princípio da década de 1980. A primeira edição circula em 1º de agosto de 1985. Aguiar, em depoimento, conta que manteve o jornal em circulação até 1987, quando o vendeu (AGUIAR, 2006).

Semanário, o jornal tinha o formato *standard* e no princípio era impresso na gráfica do jornal Alto Madeira¹¹, em Porto Velho. Depois do primeiro ano de circulação passou a ser impresso no formato de tablóide em gráfica própria, em Vilhena. Aguiar afirma que o jornal não recebia recursos de órgãos públicos, uma vez que estes recursos eram direcionados principalmente para o Folha de Vilhena.

Era muito difícil conseguir verbas publicitárias no comércio local, e todas as vezes em que procurava a associação comercial a resposta era a mesma: não tem dinheiro. E isso acontecia por que o jornal não tinha a mesma orientação política da maior parte dos empresários. Para não tomar mais prejuízos, tratei de vender. (AGUIAR, 2006)

Em 1987 o *Gazeta de Notícias* é vendido para o madeireiro Lorivaldo Renato Ruttman, que se preparava para, no ano seguinte, concorrer à prefeitura de Vilhena. No entanto, é um grupo de empresários apoiadores de Ruttman que aparece como controlador do periódico: Alziro Folador, Humberto Rover e Mauro Belão. Este grupo contrata o jornalista Vítor Paniágua para dirigir o *Gazeta de Notícias* e faz investimentos que permitem ampliar a circulação e a periodicidade da publicação, principalmente após a eleição de Lorivaldo Ruttman à prefeitura (PANIÁGUA, 2016).

¹¹ O jornal diário Alto Madeira, de Porto Velho, capital de Rondônia, é o mais antigo do Estado ainda em circulação, e um dos mais longevos da Região Norte. Foi fundado em 1917 a partir da estrutura já existente de outro periódico, *O Município*, este fundado em 1915 (COLFERAI, no prelo).



Paniágua, em depoimento, recorda que logo nas primeiras semanas o jornal passou a fazer circular três edições semanais, uma vez que havia equipe e gráfica própria que permitiam tal ampliação. “Era tudo linotipo, então a gente passava a maior parte do tempo dentro do jornal. Era comum dormir lá, só pra garantir que o jornal iria circular com as três edições semanais” (PANIÁGUA, 2016). As três edições semanais do Gazeta de Notícias forma mantidas por pouco mais de um ano, quando voltou a circular semanalmente.

Durante o período em que o Gazeta de Notícias esteve em circulação – pouco mais de sete anos – houve constante concorrência com o Folha de Vilhena, que em 1987 foi vendida pelo grupo político de Arnaldo Lopes Martins para o imigrante peruano Osías Labajos, que até então era funcionário do jornal e um dos responsáveis pelo departamento comercial. Mesmo com a venda, no entanto, o jornal seguiu atrelado ao grupo político que o havia controlado. É neste contexto que se dá a oposição entre o Folha de Vilhena e o Gazeta de Notícias, este já na sua segunda fase. O embate torna-se explícito especialmente nos períodos eleitorais em que se disputava a prefeitura de Vilhena, o que ocorre já em 1988 e, de maneira ainda mais explícita, em 1992.

Em 1992 o Folha de Vilhena apoiava abertamente o também madeireiro Ademar Suckel à prefeitura de Vilhena, enquanto o empresário Humberto Rover, que era vice-prefeito de Lorivaldo Ruttman, recebia apoio explícito do Gazeta de Notícias. No centro de um dos episódios exemplares da concorrência entre jornais que estampava a rivalidade política está um comício político realizado por Humberto Rover. No mesmo dia os dois semanários circularam com manchetes opostas sobre o evento: no Folha de Vilhena a manchete era “Comício de Rover foi um fracasso”, enquanto o Gazeta de Notícias anunciava, também em manchete, “Comício de Rover foi um sucesso” (OLIVEIRA, 2006).

Com a derrota de Humberto Rover, o Gazeta de Notícias deixa de circular nos primeiros meses de 1993. A Folha de Vilhena se mantém em circulação sob a direção de Osías Labajos e segue sendo, em 2016, o periódico mais longo de Vilhena.

“Diferente do que tá aí”

Na segunda metade da década de 1980 e nos primeiros anos da década seguinte passaram a aparecer em Vilhena veículos impressos de comunicação que se propunham a apresentar linhas de atuação diferenciadas. O primeiro deles, em 1987, foi o *Vilhetaço*, uma publicação que aparece com a proposta de ser predominantemente satírica. Em 1990 passa a circular a *Setedias*, uma revista semanal, e em 1991 surge *O Estado em Revista*, um jornal que procurava apresentar textos analíticos além das notícias semanais.

O Vilhetaço foi fundado por Estanislau José Taques, imigrante paranaense, e circulou entre 1987 e 1994. Entre os seus colaboradores estiveram diversos jornalistas, como os já mencionados Teresinha Wobeto e Vitor Paniágua. É este último que cita colaboradores da publicação, lembrando da “[...] malandragem textual do jornalista João Batista, a esperteza e o jeito matreiro do Breque, a ranzinice do Roque Ferreira, a presença de espírito do Afonso Locks”, além do “[...] satírico advogado Sérgio Zippin” (PANIÁGUA, 2014).

Durante quase todo o tempo em que esteve em circulação, a proposta do Vilhetaço foi satirizar a sociedade que começava a se organizar como urbana em meio às constantes mudanças e contradições proporcionadas pela chegada diária de levadas de imigrantes.

Sua maneira de informar era diferenciada, sempre de forma irreverente, atrevida, perspicaz. [...] Os textos eram escritos a mão em

guardanapos nos botecos, restaurantes [...] ou até em supermercados [...]. A informação se fazia em forma de piada, anedotas, chacotas, gracejos, sem nunca, porém, deixar de informar, do seu jeito. Desapareceu, quando pretendeu ser um jornal como tantos outros. (PANIÁGUA, 2014)

Como indica Paniágua, nos dois últimos anos de circulação o Vilhetaço passou a adotar uma linha mais tradicional, abandonando gradativamente a sátira. Em meio a outras publicações que já adotavam esta mesma postura, parece não ter resistido e deixou de circular em 1994.

A revista *Setedias* foi mais uma publicação fundada por Ivanir Aguiar, e circulou pela primeira vez em 10 de julho de 1990. No princípio tratava-se de uma revista impressa em formato 33 por 24 centímetros e era semanal. O principal redator, além de Aguiar, era o músico Adailton Medeiros, que esteve envolvido com a publicação durante os cerca de 18 meses em que circulou.



IMAGEM 9 – SETEDIAS

Reprodução: Nicola Nicolielo

Neste formato, a Setedias fez circular 22 edições, para então passar a ter novo projeto gráfico e ser impressa em formato menor, 23 por 16 centímetros. Em depoimento, Ivanir Aguiar contou que a redução do formato foi uma decisão tomada para economizar. “Mais uma vez não foi fácil conseguir recursos pra manter uma publicação em circulação” (AGUIAR, 2016). Com a mudança de formato, a Setedias passou a se chamar *Setedias da Amazônia* e, mesmo com as limitações, a revista teve circulação regular, durante seus dois anos de existência em todo o Estado de Rondônia e nas cidades de Manaus, AM, e em Brasília, DF. “No final das contas o Adailton foi embora para o Rio de Janeiro e eu não mantive a revista” (AGUIAR, 2016).

O *Estado em Revista* surgiu por iniciativa do médico Nilton Pandolpho, também imigrante e que tinha atuado como jornalista em Vitória, ES, antes de chegar a Rondônia. A proposta inicial apresentada por Pandolpho, como rememora Vítor Paniágua, que também atuou no O Estado em Revista, era “Fazer diferente do que tá aí” (PANIÁGUA, 2016). Uma equipe de pelo menos 12 pessoas estava envolvida com a publicação, o que pode ser considerado um grande grupo para os padrões do jornalismo desta época no interior de Rondônia. Entre estas pessoas estavam, além de Pandolpho, Gervásio Santana Leal, Vítor Paniágua, Valter Araújo, Solange Silva, Dimas Ferreira, Júlio César Silva e Jonas Medeiros (OLIVEIRA, 2006).

A primeira edição circulou em novembro de 1991 e o jornal deixou de circular pouco menos de um ano depois. Durante este período conseguiu aglutinar diferentes colaboradores, todos entusiasmados com o projeto, mas sem que houvesse envolvimento profissional de fato.

E isso porque ninguém dependia muito financeiramente. Todos trabalhavam com entusiasmo pelo jornal. Não havia ninguém ali com

interesses de ganhar dinheiro com o jornal. [...] Eu comecei a trabalhar nesse jornal e uma coisa que eu posso dizer assim, que eu acho curioso, é que o jornal era quinzenal, tinha apenas 12 páginas, tinha uma média de oito a dez pessoas que faziam parte do projeto e ainda atrasava. (OLIVEIRA, 2006)

Os investimentos em O Estado em Revista foram feitos inicialmente por Nilton Pandolpho e Gervásio Leal e, meses depois, por Júlio Silva. Apesar do entusiasmo e dos aportes financeiros, a publicação não se manteve e, repentinamente, deixou de circular: “O curioso disso tudo foi que o Júlio [César Silva] colocou o dinheiro em uma semana e o jornal faliu na outra. Quando ele foi lá ver não existia mais jornal. Então, depois que esse jornal faliu, a equipe foi se desintegrando” (OLIVEIRA, 2006). Após o desaparecimento de O Estado em Revista, parte da equipe voltou a se reunir e fundou o *Folha do Sul*, semanário que surge em 1993 e se mantém em circulação em 2016.

O número 00 do Folha do Sul circulou na primeira semana de janeiro de 1993 e trazia com destaque a posse dos prefeitos do Cone Sul¹² de Rondônia, região em que Vilhena é cidade polo. O jornal surgiu por iniciativa de Gervásio Santana Leal e Edimar Ferreira de Oliveira, ambos remanescentes de O Estado em Revista. Leal havia sido o diretor administrativo daquela publicação e Oliveira um dos redatores nos últimos meses de circulação do jornal. Outros envolvidos com O Estado em Revista se agregaram ao Folha do Sul, como é o caso da colunista social Solange Silva e de Nilton Pandolpho, este como colaborador frequentemente.

¹² A denominação Cone Sul é dada ao conjunto de sete municípios (Vilhena, Colorado do Oeste, Cerejeiras, Cabixi, Corumbiara, Chupunguaia e Pimenteiras do Oeste) mais ao sul do Estado de Rondônia. Até a segunda metade da década de 1980 toda a região era formada apenas pelo município de Vilhena.



IMAGEM 10 – FOLHA DO SUL
Reprodução: Nicola Nicolielo

Ainda que tenha se organizado com uma estrutura profissional ao longo de sua primeira década de existência e se mantenha como uma das publicações

mais longevas a circular no interior de Rondônia, o Folha do Sul tem em sua gênese o entusiasmo e empenho individual.

O Gervásio topou arcar com as despesas iniciais, mesmo porque eu não tinha dinheiro. Ele pagou as despesas de pré-impressão na sua empresa de informática e o jornal começou a ser impresso na Gráfica Leonora. O jornal foi criado para ter uma visão um pouco mais crítica. [...] Nós fomos um dos primeiros jornais a enxergar a viabilidade da venda de publicidade. E o jornal tinha uma despesa muito baixa. Era basicamente a gráfica. Eu era o fotógrafo, o repórter, o editor, o responsável pela correção, era tudo. (OLIVEIRA, 2006)

Semanário, o Folha do Sul tem formato tablóide e começou a circular com 12 páginas com apenas uma cor. Desde o princípio impresso em offset, ao contrário da maioria das demais publicações da região naquele período, ainda impressas em linotipo, dois anos depois de seu lançamento o Folha do Sul passou também a circular com capa e contracapa coloridas. Em depoimento, Edimar Ferreira de Oliveira aponta que o jornal pode ter sido a primeira publicação de Rondônia a circular com páginas coloridas.

Eu sempre fui extremamente conservador e o Gervásio [Santana Leal] inovador. Depois de muitas tentativas, eu acabei cedendo às pressões para que se fizesse uma edição com capa colorida para se testar a viabilidade do projeto. Até porque o Gervásio queria demonstrar que era possível. [...] Mesmo porque do ponto de vista da viabilidade econômica era uma desgraça. (OLIVEIRA, 2006)

Em 1998 o Folha do Sul lança um suplemento infanto-juvenil, a *Folha Júnior*, com quatro páginas, e passa a circular com dois cadernos, tornando-se a primeira publicação do interior de Rondônia com estas características. Ainda assim, e mesmo já circulando com 16 páginas no caderno principal, o jornal não era organizado por editorias, o que só acontece a partir do ano 2000, já sob a

direção exclusiva de Edimar Ferreira de Oliveira, já que Gervásio Leal havia deixado o jornal no ano anterior¹³.

À frente, os prólogos

Pelo cenário que é possível identificar, entre a segunda metade da década de 1970 e meados dos anos 1990, a primeira etapa da imprensa na cidade de Vilhena se confunde, explicitamente, com disputas políticas, estas as principais para fazer circular jornais. Mesmo os jornalistas, quase na totalidade profissionais práticos que pouca ou nenhuma experiência anterior haviam tido com a atividade, se confundem com assessores de políticos.

Por extensão, é possível inferir que este cenário e conjuntura são os mesmos possíveis de serem encontrados em todo o interior de Rondônia no mesmo período. As cidades que nesta segunda década dos anos 2000 se apresentam como os principais centros urbanos do interior de Rondônia, na segunda metade da década de 1970 apenas começavam a se formar. A necessidade de controle por parte dos órgãos oficiais, o surgimento dos primeiros grupos políticos e a rapidez com que precisavam se apresentar a uma população não fixada, tornavam urgente a necessidade de surgirem veículos de comunicação social e pessoas dispostas a fazê-los funcionar. Este contexto faz

¹³Ao deixar o Folha do Sul, Gervásio Santana Leal passou a se dedicar a fazer circular um novo semanário, o Expressão. Também tablóide, o Expressão circulou por apenas três meses em 1999, mas chamava a atenção pela qualidade do projeto gráfico, que privilegiava imagens fotográficas e pelos textos bem cuidados, que se atentavam a apresentar análises dos fatos da semana, ao invés de somente noticiá-los. Editado pelo jornalista Júlio Olivar, que antes havia trabalhado no Folha do Sul, tinha Valdenir Jovino como editor de fotografia. Após o aporte financeiro inicial dado por Gervásio Leal à publicação, deixou de circular por não conseguir se financiar.

surgir por todo o interior de Rondônia – num mesmo movimento que, acreditamos, é possível de ser reconhecido em toda a região ao sul da Amazônia impactada pela colonização agrícola a partir da década de 1970 – uma profusão de publicações que torna instigante a pesquisa em história da mídia neste período e nesta região.

Evidentemente, aqui não se abordou as mídias eletrônicas, rádio e televisão, que neste período começavam a se instalar e exerceram papel relevante. Da mesma forma, não se problematizou o impacto e os modos de recepção entre a população predominantemente imigrante. São questões que certamente precisam ser privilegiadas. Este, no entanto, parece ser o momento de identificar fontes primárias, orais e documentais, disponíveis, pois mesmo que não haja um tempo dilatado entre o presente e o passado mirado, certamente trata-se de focalizar um processo intenso, que passou por rápidas mudanças e períodos relativamente curtos.

Referências

ABRÃO, Vitorio. **Vitório Abrão**: depoimento [ago. 2006]. Entrevistador: Nicolau de Jesus Juliano Nicolielo. Digital. Vilhena-RO: 2006.

AGUIAR, Ivanir. **Ivanir Aguiar**: depoimento [ago. 2006]. Entrevistador: Nicolau de Jesus Juliano Nicolielo. Digital. Vilhena-RO: 2006.

AGUIAR, Ivanir. **Ivanir Aguiar**: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Sandro Adalberto Colferai. Digital. Vilhena-RO: 2016.

BECKER, Bertha. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1991.

BIER, Valdir. **Valdir Bier**: depoimento escrito [set. 2006]. Vilhena-RO: 2006.

BORDUSCHI, Milton Lourival. **Milton Lourival Borduschi**: depoimento [ago. 2006]. Entrevistador: Nicolau de Jesus Juliano Nicolielo. Digital. Vilhena-RO: 2006.

COLFERAI, Sandro Adalberto. Entre trilhos e barrancos: a primeira fase da imprensa em Rondônia. In: MUNARO, Luís Francisco (org.). **Rios de palavras**: a imprensa na periferia da Amazônia (1921-1921). No prelo.

_____. **Jornalismo e identidade na Amazônia**: as práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Porto Alegre-RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

HOFFMANN, Maria da Glória Bier. **Maria da Glória Bier Hoffmann**: depoimento escrito [set. 2006]. Vilhena-RO: 2006.

OLIVEIRA, Edimar Ferreira de. **Edimar Ferreira de Oliveira**: depoimento [out. 2006]. Entrevistador: Nicolau de Jesus Juliano Nicolielo. Digital. Vilhena-RO: 2006.

PANIÁGUA, Vítor. A volta do Vilhetão. In: **Cone Sul Notícias** (site), 2014. Disponível em: <www.conesulnoticias.com.br/2014/04/16/a-volta-do-vilhetaco-por-vitor-paniagua/>. Último acesso em: 04/12/2016.

_____. **Vítor Paniágua**: depoimento [nov. 2016]. Entrevistador: Sandro Adalberto Colferai. Digital. Vilhena-RO: 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo-SP: Intercom; Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2011.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2001.

SOUZA, Valdir Aparecido de. **Rondônia, uma memória em disputa**. Tese (Doutorado em História). Assis-SP: Universidade Estadual Paulista, 2011.

WOBETO, Teresinha. **Teresinha Wobeto**: depoimento [set. 2006]. Entrevistador: Nicolau de Jesus Juliano Nicolielo. Digital. Vilhena-RO: 2006.